

A BIOGRAFIA CULTURAL DOS OBJETOS E SEUS NOVOS USOS: A COLEÇÃO DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DO MAB-UNASP

Sergio Henrique Micael Santos¹

Christie Goulart Chadwick²

Ygor Lebrank de Melo³

Pedro Henrique Rodrigues da Silva⁴

Rodrigo Pereira da Silva⁵

Resumo: Este artigo analisa a coleção de cerâmicas arqueológicas da Idade do Bronze Antigo (c. 3300–1900 a.C.) do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB-UNASP), atualmente em exibição na mostra permanente *Relíquias do passado: explorando os tempos bíblicos*, acessível ao público desde 2023. Com base nas concepções de documento/monumento de Jacques Le Goff e de biografia cultural dos objetos proposta por Igor Kopytoff, investiga-se o processo de musealização desses artefatos. A pesquisa visa elucidar a forma como esses objetos, ao serem inseridos em uma narrativa curatorial, transformam-se em mediadores de memórias, discursos e usos contemporâneos do passado.

Palavras-chave: Musealização. Arqueologia do Levante. Museologia. História e Memória.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Atualmente é historiador do Museu de Arqueologia Bíblica do (MAB-UNASP). <https://orcid.org/0000-0003-4939-711X>..

² Doutora em Arqueologia Bíblica e História do Antigo Oriente - Andrews University. Atualmente é professora do Centro Universitário Adventista de São Paulo. <https://orcid.org/0009-0005-3919-9189>

³ Licenciado em História. Especialista em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrâneo pelo UNASP. <https://orcid.org/0000-0001-5711-8761>

⁴ Graduando em Teologia pelo Instituto Adventista Villa Aurora, Firenze. Atualmente é assistente de pesquisa no Museu de Arqueologia Bíblica (MAB-UNASP). <https://orcid.org/0009-0001-9727-0677>

⁵ Doutor em arqueologia clássica pela Universidade de São Paulo com bolsa da Capes a partir de novembro de 2010 a março de 2011. É professor de Teologia e Arqueologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo e Diretor do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB-UNASP). <https://orcid.org/0009-0003-1033-790X>

THE CULTURAL BIOGRAPHY OF OBJECTS AND THEIR NEW USES: THE COLLECTION OF ARCHAEOLOGICAL CERAMICS AT MABUNASP

Abstract: This article examines the collection of archaeological ceramics from the Early Bronze Age (c. 3300–1900 BCE) at the Biblical Archaeology Museum (MAB-UNASP), currently on display in the permanent exhibition *Relics of the Past: Exploring Biblical Times*, open to the public since 2023. Based on Jacques Le Goff's concept of document/monument and Igor Kopytoff's notion of the cultural biography of objects, this study investigates the musealization process of these artifacts. The research aims to clarify how, once incorporated into a curatorial narrative, these objects are transformed into mediators of memory, discourse, and contemporary uses of the past.

Keywords: Musealization. Levantine Archaeology. Museology. History and Memory.

1. INTRODUÇÃO:

Este estudo tem como objetivo analisar a coleção de cerâmicas arqueológicas da Idade do Bronze Antigo (c. 3300-1900 a.C.) do Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo (MAB-UNASP), proveniente do antigo Oriente Próximo, na região do Levante.⁶ O MAB abriga um acervo de aproximadamente três mil itens, cuja formação é relativamente recente e ainda pouco explorada. Tal acervo oferece amplas possibilidades de pesquisa e de aprofundamento sobre o contexto

⁶ O termo Levante – “onde o sol se levanta”, do latim: *levare*, “erguer-se” — refere-se ao Oriente Mediterrâneo. Em uma perspectiva histórico-geográfica, designa uma sub-região do Oriente Próximo cujos contornos variam conforme a fonte, sendo, portanto, imprecisos. De maneira geral, corresponde ao litoral oriental do Mediterrâneo e áreas adjacentes, tendo como limites aproximados o Mediterrâneo a oeste, o deserto Arábico setentrional e a Alta Mesopotâmia a leste, a Cilícia/Tauros ao norte e o Sinai ao sul. Em acepção mais restrita, abrange principalmente Síria, Líbano, Israel, Palestina, Jordânia e Chipre; em sentido ampliado, pode incluir partes do sul da Turquia, noroeste da Arábia Saudita, Sinai (Egito) e oeste do Iraque (KILLEBREW; STEINER, 2023).

sociocultural do Oriente Próximo antigo, ainda que a maioria de seus objetos esteja descontextualizada de seu ambiente arqueológico original. Apesar de essa ausência de contexto constituir uma desvantagem relevante, ela não é insuperável: pesquisadores e curadores têm retornado ao estudo de coleções já institucionalizadas e adotado abordagens metodológicas para reconstruir, na medida do possível, os contextos perdidos e, assim, maximizar o potencial interpretativo dos acervos.

Esse desafio não é exclusivo do MAB. Importantes instituições, como os museus de Chicago e Harvard, enfrentam situação semelhante, observando-se avanços na pesquisa arqueológica integrada à museologia, especialmente no que se refere à documentação de coleções. Sem esse intercâmbio, as instituições podem desconhecer o potencial comunicativo de seus acervos, como destacam Silva e Polo (2023, p. 75): “a ausência de integração entre a pesquisa e a documentação, enquanto prática, leva à ociosidade do patrimônio arqueológico [...]”. A abordagem interdisciplinar, nesse sentido, evidencia uma tendência crescente de colaboração entre áreas correlatas, fortalecendo a valorização do patrimônio e assegurando que sua preservação esteja vinculada à investigação científica e a estratégias de mediação com o público (Toledo, 2017; Silva Menezes et al, 2024). Tendo em vista a necessidade dessa integração no processo de exploração dos acervos museológicos, esta pesquisa também busca evidenciar o intercâmbio entre arqueologia, museologia e história realizado no MAB, entendendo-o como uma iniciativa capaz de estabelecer referenciais para outras instituições. A análise do processo de musealização de parte da coleção em exposição configura-se, ainda, como uma abordagem incipiente no contexto brasileiro.

O artigo está estruturado em duas seções principais. Na primeira seção, desenvolve-se uma reflexão teórica sobre o processo de musealização,

estabelecendo um diálogo com a escrita historiográfica. Assim como a escrita da história não é neutra, o processo curatorial também envolve intencionalidades e escolhas interpretativas. A partir dessa reflexão, discute-se o conceito de “biografia dos objetos” e apresentam-se as metodologias empregadas pelos museus para recuperar informações sobre os artefatos, com destaque para a seriação — ferramenta igualmente utilizada no MAB e em outras instituições, para compreender a origem e a formação de seus acervos. Na segunda seção, a análise concentra-se nos objetos selecionados, considerando tanto seu contexto primário quanto o museológico. Busca-se identificar as motivações e orientações que nortearam o processo curatorial do MAB na exposição de seus artefatos, evidenciando a intenção de utilizar a arqueologia como ferramenta para ampliar o conhecimento acerca das Escrituras Sagradas e reforçar sua historicidade.

2. O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO E A ESCRITA DA HISTÓRIA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

A musealização de objetos arqueológicos não é um processo neutro. Trata-se de uma operação cultural, histórica e intencional que transforma os artefatos em “testemunhos” selecionados de um passado (Kopytoff, 2013). Esse processo pode ser analisado à luz de Jacques Le Goff, em seu artigo *Documento/Monumento* (1990), no qual propõe a compreensão do documento como monumento. Para Le Goff, todo documento é uma construção — ou até mesmo uma fabricação — que precisa ser lida criticamente. O documento não é neutro; resulta de uma elaboração social do passado e, como monumento, foi produzido para durar e sustentar um discurso (Le Goff, 1990). Nesse sentido, quando retirados de seu contexto original e inseridos em uma exposição, os objetos arqueológicos deixam de ser apenas testemunhos materiais,

tornando-se documentos-monumentos carregados de novos significados, além de seu contexto original. O monumento, do latim *monumentum*, derivado de *monere* (“fazer lembrar”, “avisar” ou “instruir”), evoca a memória por meio de atos escritos ou obras materiais, como arcos de triunfo, colunas e túmulos, perpetuando lembranças, voluntária ou involuntariamente. Paul Ricoeur (2007, p. 41) lembra que a memória não é apenas um depósito neutro de lembranças, mas uma prática carregada de escolhas: “a memória é a presença do passado”, dependente das escolhas que orientam o que se recorda e o que se esquece. De forma semelhante, Joel Candau (2011, p. 15) observa que “toda memória é construída, reconstruída e socialmente orientada”, podendo servir à coesão e identidade coletiva.

Aplicando essas reflexões ao MAB, podemos refletir, por meio da interdisciplinaridade entre história, museologia e arqueologia — diálogo proposto pelo Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) — que a cultura material, ao ser musealizada, transforma-se deliberadamente em um monumento que evoca o passado e a memória. Nesse processo, a curadoria, orientada por objetivos claros, elabora uma narrativa com finalidades educativas e interpretativas, como, “ilustrar a Bíblia” (Bonassi, 2019) e “promover sua historicidade por meio da arqueologia” (MAB-UNASP, 2025a).

Michel de Certeau (2011) contribui para essa análise ao destacar o papel das instituições na produção da história. Em *A escrita da história*, ele observa que a história, enquanto discurso, depende da seleção e organização de fontes por instituições que determinam o que é considerado “histórico”. Assim, quando um museu seleciona objetos e os insere em uma narrativa curatorial, ele institucionaliza as peças como fontes “autorizadas da história”, não necessariamente da história como ela ocorreu, mas da história como se deseja contá-la ou apresentá-la. No caso do MAB, esse trabalho curatorial

busca ainda auxiliar o público a compreender os costumes, a religiosidade e o cotidiano dos povos do antigo Oriente Próximo, contexto no qual se desenvolvem as narrativas bíblicas.

Esse processo de construção narrativa ocorre por meio da curadoria, que funciona como um ato de escrita: selecionar, ordenar, silenciar e destacar. Nessa perspectiva, o curador atua também como autor. Roger Chartier (2014), em *A mão do autor e a mente do editor*, oferece uma chave interpretativa: assim como os textos não circulam isoladamente, os objetos também são mediados por dispositivos editoriais, materiais e institucionais que influenciam sua recepção. Do mesmo modo que o editor motiva a leitura de um livro, o museu e sua curadoria moldam o olhar do público sobre os objetos arqueológicos.

No MAB, a curadoria utiliza a narrativa bíblica como princípio organizador e interpretativo. As peças arqueológicas, provenientes de contextos variados do antigo Oriente Próximo, são reconfiguradas como evidências materiais da narrativa bíblica. Essa operação museológica desloca os artefatos de sua função original para inseri-los em um novo uso: possibilitar o conhecimento histórico-cultural dos tempos bíblicos. Conforme divulgado pelo MAB-UNASP (2025a), o acervo do museu abrange mais de 4.500 anos, oferecendo artefatos que permitem compreender o mundo bíblico.

Diante desse quadro, a análise do processo de musealização da coleção cerâmica do MAB será orientada pela seguinte pergunta norteadora: quais foram as motivações e critérios que guiaram a curadoria na seleção, organização e associação desses artefatos à narrativa bíblica? Perguntas complementares surgem em seguida: em que medida o processo de musealização desses objetos pode ser compreendido à luz da reflexão historiográfica de Le Goff, especialmente quanto à transformação do

documento em monumento? Pode-se, então, questionar que, ao serem integrados à narrativa museológica do MAB, os artefatos deixam de ser “documentos” para se tornarem símbolos intencionais de memória e identidade, ou “monumentos”?

A partir dessas considerações, o estudo apresenta, em seguida, a metodologia adotada na análise dos objetos cerâmicos do MAB, com base na noção de “biografia cultural”, e considerando as trajetórias e ressignificações que os objetos assumem ao longo do tempo.

2.1 A CONSTRUÇÃO DAS BIOGRAFIAS CULTURAIS DE OBJETOS ARQUEOLÓGICOS

O conceito de biografia dos objetos, desenvolvido principalmente por Kopytoff (2013, p. 64-91) norteia esta pesquisa. Segundo o autor, informações sobre o passado dos objetos estão contidas neles e podem ser resgatadas a partir de perguntas semelhantes às que fazemos sobre a vida de uma pessoa, como sua origem, status e períodos de existência (Kopytoff, 2013, p. 66-67; Appadurai, 1986). Assim, é possível compreender quem os objetos influenciaram e por quem foram influenciados, bem como inferir possíveis contextos em que estiveram inseridos e os significados que receberam até atingir seu atual status de artefato musealizado.

A elaboração da biografia cultural dos artefatos arqueológicos requer a consideração de três contextos fundamentais: o primário, associado ao uso original do objeto; o arqueológico, relativo ao local e condições da escavação; e o museológico, referente à instituição responsável por sua preservação e exposição (Xavier et al, 2025; Cândido, 2005). A transição entre esses contextos envolve diferentes níveis de mediação, os quais impactam diretamente a preservação e a interpretação do objeto. Quanto maior o

número de etapas entre o uso original e a exposição museológica, maiores as possibilidades de perda de dados contextuais. Essa situação é especialmente evidente em coleções arqueológicas, que não transitam de modo direto do cotidiano para o acervo, mas passam por escavação, processamento técnico e interpretação antes de serem musealizadas. Como destaca Cândido (2005), o processo de musealização implica não apenas a incorporação física do artefato, mas também sua reinscrição simbólica, ressignificando função e narrativa de acordo com a lógica curatorial e institucional.

Um dos principais desafios dessa trajetória é a ausência de documentação adequada, em especial quando os objetos são adquiridos via comércio legalizado — como frequentemente ocorre em Israel — chegando aos museus apenas com certificados de autenticidade que contêm informações mínimas (nome, origem geográfica ampla, período aproximado). Nesses casos, a falta de registros estratigráficos, espaciais e cronológicos compromete significativamente o potencial de pesquisa e a comunicação museológica (Cândido, 2005; Toledo, 2017; Silva e Polo, 2023). Quando a informação se perde na coleta, as instituições recorrem à *documentação retrospectiva* — levantamento de dados secundários, observação técnica, análises laboratoriais, descrição detalhada e comparação com artefatos similares. Entre as ferramentas empregadas, destaca-se a seriação, utilizada nesta pesquisa para reconstruir, ainda que parcialmente, a trajetória dos objetos. Mesmo diante das lacunas informativas, os museus podem contribuir para a reconstrução parcial das biografias dos objetos, mantendo seu valor como testemunhos históricos e culturais (Wichers et al, 2023; Silva e Polo, 2023).

2.2 ACERVO DO MAB: ORIGEM E FORMAÇÃO

Como sintetizado pela pesquisadora Jessica Mendes (2024)⁷, o acervo do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) teve seu início em 1994, com a doação de 200 livros e 110 objetos arqueológicos diversos do Dr. Paulo Bork ao UNASP. Até 2015, o museu era denominado Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork. No entanto, o espaço físico destinado à exposição na universidade foi disponibilizado apenas em 2000. O acervo inicial do MAB, que ainda representa uma parte significativa do acervo atual, foi adquirido principalmente por meio de doações. Além das contribuições do Dr. Paulo Bork, destaca-se a doação de Milton Afonso em 2012, que incluiu cerca de 1500 moedas, além de doações de Siegfried J. Schwantes (Mendes, 2024; Timm, 2010; Xavier, 2015). No entanto, surgem problemáticas devido a essa formação do acervo, visto que o museu não possuía uma política formal de acervos; assim, as peças eram recebidas sem critérios estabelecidos (Xavier, 2015, p. 122). Nos últimos anos, o museu cresceu exponencialmente através da aquisição de peças em antiquários regulamentados em Israel, mas essa prática compromete a comunicação do acervo, visto que muitos itens carecem de documentação arqueológica (Xavier, 2015, p. 125). Segundo Bonassi (2019, p. 119), essa carência é estrutural:

O Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP não apresenta um histórico de gestão documental do acervo que salvaguarda: não possui arrolamentos, livros de tombo, fichas catalográficas e, até o momento, não dispõe de uma operacionalização formal de aquisição dos objetos ao darem entrada à instituição. Foi no ano de 2012, com a chegada da museóloga, que o instrumento de

⁷ Em sua dissertação de mestrado, a pesquisadora analisou a coleção egípcia do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB).

documentação desde então adotado consiste em um Inventário de Acervo, organizado em planilhas via Microsoft Excel.

Sobre a documentação e formação do acervo do MAB, Bonassi (2019) conclui que a maioria dos itens foi constituída sem formalidade. Atualmente, o MAB possui uma pasta com documentos administrativos relacionados à aquisição de seus objetos, incluindo certificados de autenticidade, recibos de compra e termos de doação. Esses registros servem como fonte de informação e suporte para pesquisas, mas, como observa a autora, não estão sistematicamente organizados por peça, e não há garantias de que todos os itens do acervo estejam acompanhados dessa documentação.

A atual gestão do MAB iniciou um trabalho voltado à documentação museológica, buscando associar os registros disponíveis aos respectivos artefatos do acervo (MAB-UNASP, 2025b). Apesar das limitações inerentes a esse processo, especialmente em relação à falta de registros prévios, essa iniciativa representa um passo importante na recuperação de dados sobre os objetos.

Como resultado, a biografia de muitos artefatos está sendo construída a posteriori, conforme a documentação retrospectiva, o que implica na perda de informações irreversíveis, sobretudo aquelas relacionadas ao contexto arqueológico original. Essa lacuna compromete a reconstrução do contexto primário, além de dificultar análises precisas por parte dos pesquisadores.

Consequentemente, isso também impacta a comunicação museológica, que tende a recorrer a interpretações mais generalizadas. Embora esse distanciamento seja compreensível, observa-se que, à medida que aumentam as lacunas informacionais, intensifica-se também o processo de ressignificação dos objetos. Como postula Nouwen (2001, p. 144): “qualquer

mudança no contexto histórico [primário] desencadeia uma mudança nos significados do objeto”.⁸

Considerando este cenário desfavorável, o Núcleo de Pesquisa e Divulgação Científica do MAB tem desenvolvido importantes investigações sobre o acervo do museu, ainda que limitadas pela descontextualização original dos artefatos, com o intuito de clarificar e identificar os objetos arqueológicos em processo de musealização. Apesar desse desafio, trata-se de uma coleção numerosa e relevante no cenário brasileiro. Para auxiliar na recuperação e aprofundamento na identificação dos objetos e na extração de significados, o museu contou com a colaboração de especialistas convidados.⁹ O método adotado pelos curadores — arqueólogos e historiadores — foi o da seriação, uma ferramenta amplamente utilizada na arqueologia para ordenar artefatos com base em suas características morfológicas, estilísticas ou tecnológicas. Essa técnica possibilita o estabelecimento de sequências relativas de tempo e a associação de objetos semelhantes, permitindo inferências sobre padrões culturais, cronologia e transformações no uso e na produção desses materiais ao longo do tempo. Além disso, a seriação tipológica, fundamentada em acervos museológicos e enciclopédias, foi um critério adotado e respeitado pelos curadores.

2.3 A PESQUISA NOS MUSEUS: SERIAÇÃO, COMPARAÇÃO E DEDUÇÕES

A seriação constitui uma das ferramentas fundamentais da arqueologia para a organização e a datação relativa de objetos (Marquardt, 1978, p. 259).

⁸ “Every change of the historical context leads to a change of meanings of the object”.

⁹ Além dos especialistas que diretamente influenciaram na datação e recuperação da identidade dos objetos, o museu também colaborou com pesquisas nacionais relacionadas ao seu acervo. Entre essas pesquisas, destacam-se as já mencionadas de Aliene Bonassi (2019) e Jessica Mendes, além de outras realizadas por Valéria Tavares e Claudia Carvalho (2017), por Viviana Lo Monaco (2024) e por Nayara de Souza Melo (2019).

Segundo Renfrew e Bahn (2015, p. 109), os métodos de datação relativa podem ser identificados como:

Tabela 1 – Conceituando as ferramentas

MÉTODO	CONCEITO
Estratigrafia	Em uma sucessão de camadas, a inferior é a mais antiga e a superior a mais recente.
Associação	Objetos encontrados em uma mesma camada estratigráfica foram depositados no mesmo período.
Sequências Tipológicas	Artefatos com características semelhantes tendem a ter sido produzidos no mesmo período.
Seriação	Conjuntos de objetos podem ser organizados em ordem sequencial, permitindo estabelecer cronologias relativas.

Fonte: Renfrew e Bahn, 2015. Adaptação dos autores.

A seriação, uma abordagem metodológica que emergiu no início do século XX, especialmente através dos estudos inovadores de Flinders Petrie no Egito, baseia-se na ordenação de artefatos com base em suas variações estilísticas ou tecnológicas. Essa técnica parte do pressuposto de que certos estilos e formas seguem um ciclo de surgimento, desenvolvimento, auge e eventual extinção. Conforme expõem Renfrew e Bahn (2015), a seriação parte da premissa de que objetos que compartilham características estilísticas são contemporâneos, além de reconhecer que os estilos se transformam gradualmente ao longo do tempo. Esse método não apenas permite a construção de sequências cronológicas relativas entre diferentes conjuntos de materiais, mas se torna especialmente valioso em contextos em que a datação absoluta, como a análise de radiocarbono, se mostra indisponível ou apresenta imprecisões. Embora a seriação não ofereça datas exatas, ela estabelece relações temporais entre grupos de objetos, possibilitando inferências cronológicas a partir de padrões formais identificados no registro

arqueológico. Para que as estratégias e técnicas aplicadas em campo sejam eficazes, é fundamental que estejam alinhadas às questões de pesquisa formuladas, além de serem adequadas à natureza do registro arqueológico presente na área de investigação. Conforme discutem Marquardt (1978, p. 302), O'Brien e Lyman (2002, p. 59), essa articulação é fundamental, pois garante que a análise arqueológica não apenas respeite, mas também aproveite as especificidades únicas de cada contexto estudado.

No âmbito museológico, a seriação desempenha um papel relevante, especialmente em situações em que os objetos sob custódia carecem de documentação de escavação ou de informações contextuais precisas — uma realidade comum em coleções formadas por aquisições no mercado legalizado ou por doações sem registro, frequentemente provenientes de acervos pessoais. Nesses casos, os museus podem recorrer à seriação como um método auxiliar na reconstrução das biografias dos artefatos, contribuindo tanto para sua catalogação quanto para a elaboração de narrativas expositivas mais fundamentadas.

Outra abordagem tradicional para a análise da variação cerâmica é a tipologia, por meio da qual cada exemplar representa um grupo de vasos com formas semelhantes, permitindo organizar sequências de conjuntos arqueológicos (Herr, 2022, p. 15-18). A análise tipológica consiste no estabelecimento de “tipos”, definidos a partir de características de confecção, acabamento, forma e demais atributos detectáveis em cada artefato (Maranca, 1975, p. 176-177). Conforme Orton, Tyler e Vince (1993), recomenda-se iniciar a classificação pelos vasos mais completos, que servem de referência para definir os tipos, a partir dos quais, os fragmentos são posteriormente classificados. O tipo constitui, assim, uma categoria idealizada, composta por objetos que compartilham características principais. Dentro de um mesmo

tipo, podem existir variações secundárias (como tamanho), mas o essencial é que os objetos agrupados apresentem maior semelhança entre si do que com os de outros tipos (O'Brien; Lyman, 2002).

Essa metodologia é especialmente útil em coleções museológicas, pois, quando combinada com a metodologia de seriação, permite não apenas ordenar e organizar os itens com base em suas semelhanças, mas também estruturar cronologias relativas (Marquardt, 1978; Bulbeck, 2020; Renfrew; Bahn, 2015). Contudo, é imprescindível reconhecer as limitações desse tipo de datação, especialmente quando se lida com fragmentos. Nesse contexto, torna-se fundamental distinguir entre registrar dados concretos de um fragmento cerâmico e fazer suposições baseadas no conhecimento sobre o período histórico em questão (Orton; Tyer; Vince, 1993).

No MAB, as abordagens cronológica e tipológica são essenciais para a identificação dos objetos da coleção. Em junho de 2024, o arqueólogo estadunidense Dr. Paul J. Ray, do Institute of Archaeology da Andrews University — instituição com afiliação confessional ao UNASP — visitou o museu. Conforme relato na Newsletter do Institute of Archaeology & Siegfried H. Horn Museum (2025, p. 1), o Dr. Paul J. Ray “auxiliou a equipe [do MAB] na datação dos artefatos cerâmicos em exposição e armazenados na reserva técnica”.¹⁰ A classificação levou em consideração o fator cronológico, buscando estabelecer um padrão cerâmico (estilo, uso, forma) relativo ao período arqueológico e à exposição. Os artefatos foram analisados segundo o uso da forma, conforme Amiran (1970).

Como exemplo da seriação tipológica realizada no MAB, destaca-se o jarro com alça OAR 0247 (figura 1), cuja forma e estilo são semelhantes a

¹⁰ “He helped the staff date the ceramic artifacts in the museum displays and storage collections [...]”.

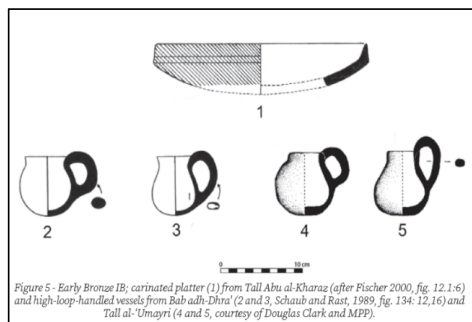
cerâmicas da região do Levante. O jarro cerâmico apresenta alça levemente elevada e inclinada, borda curva externa, base reta e corpo arredondado, assemelhando-se a uma xícara. Este tipo de jarro é comumente encontrado na fase protourbana do período do Bronze Antigo I, caracterizada por tecnologias aprimoradas e padronização crescente. Observa-se a continuidade na produção de cerâmicas semelhantes ao período do Bronze Antigo IA e IB, com o surgimento de tigelas carenadas com revestimento vermelho, xícaras com alças altas, jarras com alça e bico em forma de coluna e cubas com bico.

Figura 1 – Jarro com alça (OAR 0247)



Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica

Figura 2 – Cerâmicas proturbanas, Jordânia.



Fonte: Haron, J; Clark, D. R., (2022)

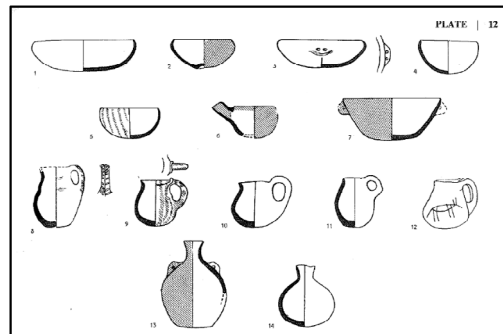
Como mencionado, o processo de seriação consiste na análise comparativa de objetos com características semelhantes, permitindo a reconstrução de sequências cronológicas e de biografias culturais. Esse método pode ser aprimorado pela comparação com outras coleções museológicas que dispõem de documentação mais consistente sobre o contexto original dos objetos. No MAB, essa prática tem sido adotada por meio do cotejamento tipológico com acervos de instituições de referência, como o Museu Metropolitano de Nova York (figura 3), cuja base virtual reúne uma ampla coleção de cerâmicas do Levante, possibilitando a verificação e o cruzamento de informações.

Figura 3 – Potes com alças



Fonte: Museu Metropolitano de Nova York

Figura 4 – Cerâmicas Idade do Bronze Antigo IA



Fonte: Amiran (p. 52-53).

A busca por paralelos e semelhanças tem se mostrado uma ferramenta eficaz para suprir lacunas de informação em objetos arqueológicos desprovidos de seus contextos originais ou de documentação completa. No que se refere ao Museu de Arqueologia Bíblica (MAB), a base de dados do *Metropolitan Museum of Art* (MET) tem permitido o cotejamento dessas informações com a bibliografia especializada. Os potes com alça (figura 3), por exemplo, provêm de escavações realizadas em 1965 na região de *Bab edh-Dhra*, na Jordânia, sob a supervisão de Paul W. Lapp, em nome das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental. Esses exemplares foram incorporados ao MET em 1978, por cortesia do Departamento de Antiguidades do Reino Hachemita da Jordânia, e catalogados como pertencentes à Idade do Bronze Antigo IA (ca. 3500–3300 a.C.). Tais informações, em consonância com a bibliografia especializada, conferem maior segurança para a reconstituição do contexto original dos artefatos sob a custódia do MAB. A partir dessa pesquisa de documentação retrospectiva, a gestão museológica pôde catalogar o objeto OAR 0247 como um jarro da Idade do Bronze Antigo, originário da região levantina.

No próximo tópico, será analisado como o Museu de Arqueologia Bíblica inseriu parte de sua coleção de cerâmicas do período do Bronze em sua narrativa expográfica. A discussão será conduzida com base na análise do processo museológico, buscando responder às questões iniciais relacionadas ao processo curatorial.

3. A COLEÇÃO DE CERÂMICAS DO MAB

Os artefatos analisados são apresentados em conjunto na expografia como “vasos de barro contendo metais preciosos”. Dessa forma, três vasos são expostos acompanhados de um lingote de bronze (figura 5).

Figura 5 – Vasos de barro “estilo cofre”



Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica

Os três artefatos exibidos na figura 5 estão dispostos da direita para a esquerda, com os seguintes tombos: OAR 0091, OAR 0317, OAR 0092. Todos são provenientes da doação realizada em 2012 por Milton Afonso, a qual foi acompanhada de um inventário inicial e de um laudo técnico de autenticidade. Pesquisas posteriores identificaram uma inconsistência na

datação do objeto OAR 0091, inicialmente classificado como pertencente ao período romano (c. 63 a.C.–332 d.C.). Com base em novos estudos em cooperação com o Horn Museum da Universidade Andrews, Estados Unidos, o artefato foi reavaliado e atualmente está alocado no período da Idade do Bronze (Institute of Archaeology & Siegfried H. Horn Museum, 2025, p. 1). De modo semelhante, o objeto OAR 0317, que havia sido classificado no período do Ferro (1200 a.C.–539 a.C.) no inventário de 2012, foi reclassificado no período do Bronze Antigo, sendo incorporado à expografia atual do MAB.

Esses vasos diferenciam-se das demais cerâmicas pelo seu formato particular. Os três são recipientes pequenos, com a boca afinada, o que sugere uma funcionalidade como contêineres para elementos de pequeno porte. Convém ressaltar que, embora a determinação da função de um artefato contribua para a sua identificação, no contexto arqueológico a forma de classificação das peças pode variar conforme os objetivos do estudo, as convenções da área e as características do material analisado (Orton; Tyer; Vince, 1993). No campo da arqueologia, a classificação das cerâmicas é guiada pelo objetivo de elucidar os significados culturais, visto que esses artefatos representam aspectos de uma cultura e ajudam a definir padrões comportamentais, como destaca Maranca (1975).

Nesse sentido, o material cerâmico oferece múltiplas possibilidades de interpretação, que dependem do olhar do pesquisador, devendo, portanto, ser analisado em conjunto com outros objetos. Essa abordagem holística é essencial para a reconstituição do cotidiano e, de forma mais crucial, para a compreensão dos processos e significados subjacentes à interação entre o ser humano e a cultura material (Symanski, 1996). No que se refere à musealização desses itens, observa-se uma reconfiguração simbólica dos vasos para adequá-los à narrativa da exposição. Esses objetos são

diretamente associados, por meio de escolhas museológicas, à economia do antigo Oriente, especialmente ao serem posicionados ao lado de um painel temático sobre o assunto. Como ilustrado na figura 5, a associação é reforçada pela presença de um lingote de bronze — objeto comumente utilizado nas trocas comerciais durante o período da Idade do Bronze.

Além disso, a legenda que acompanha os vasos sugere uma função financeira para esses recipientes, interpretando-os como possíveis cofres que podiam ser enterrados. Em um dos vasos foi inserida uma miscelânea de pequenos objetos alheios ao artefato original, com o objetivo de reforçar essa concepção. Observa-se também uma tentativa de comunicação — impulsionada pelos valores e pela missão da instituição — com o público, partindo do conhecido (texto bíblico) para o desconhecido (arqueologia), tendo em vista que o museu atrai, em sua maioria, diferentes igrejas e comunidades cristãs (MAB-UNASP, 2025a).

Essa construção narrativa e didática conecta-se a referências bíblicas, por meio da citação de Josué 7 e Mateus 25. É curioso que nenhum dos dois trechos menciona diretamente vasos, mas apenas a prática de enterrar objetos de valor, a qual não exige necessariamente o uso de recipientes. Além disso, os textos bíblicos citados pertencem a períodos historicamente distintos entre si e diferentes da cronologia arqueológica atribuída pelo próprio MAB. Uma possível justificativa para inferir tal afirmação possa ser a partir do texto de 2 Coríntios 4:7: “Trazemos, porém, este tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós” (Bíblia de Jerusalém, 2002, 2Co 4:7). Diante da ausência de contexto arqueológico, torna-se difícil sustentar afirmações sobre a função específica dos vasos ou negar que poderiam ter sido utilizados para qualquer outra finalidade.

O processo curatorial opta por ilustrar e fornecer vestígios materiais para tentar tornar visíveis as histórias bíblicas, atribuindo funções aos objetos e associando-os a um passado; essa é uma forma de superar a invisibilidade irreversível do passado (Bittencourt, 2000-2001). Em seguida, observa-se a apresentação de quatro cerâmicas: uma identificada como “jarro cananita” e as outras três, em conjunto, como “vasos cananitas”. Todas as peças estão dispostas no mesmo painel temático, que ilustra o desenvolvimento da manufatura das cerâmicas na região do Levante. Os tombos dos artefatos, da direita para a esquerda, conforme a imagem 6, são: OAR 0059, OAR 0199, OAR 0203 e OAR 0247

Figura 6 – Jarro e vasos cananitas



Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica

O jarro identificado pelo tombo OAR 0059 apresenta pequenos suportes laterais e um bico em estilo “bule”. Isso sugere utilização para o armazenamento de líquidos; contudo, pelo tamanho da abertura, poderia ter servido também para outros materiais. As outras três cerâmicas se enquadram como potes ou vasos comuns encontrados em abundância nos assentamentos do Levante. Segundo o inventário do MAB, esses objetos,

assim como o jarro OAR 0059, integram o acervo como parte da doação de Milton Afonso. As quatro cerâmicas destacam-se pela atribuição do adjetivo “cananita(s)”. Enquanto o painel associado aos artefatos utiliza a nomenclatura “Levante” para designar a região de origem, as peças remetem simbolicamente à palavra “Canaã”, empregada com frequência na tradição bíblica para se referir à mesma área geográfica.

A legenda do “jarro cananita”, por exemplo, apresenta brevemente o objeto e sua possível função e, em seguida, descreve os cananeus: sua origem, localização, oposição aos israelitas e até mesmo ao próprio Deus, afirmando que “praticavam culto a Baal” (MAB-UNASP, 2025b). Dessa forma, por meio da narrativa expográfica, os vasos passam a ser percebidos pelos visitantes como pertencentes aos “inimigos de Israel”, estabelecendo, assim, uma conexão direta com a narrativa bíblica e alinhando-se à proposta museológica do MAB.

No entanto, como ressalta Noll (2006), a designação de “cananeus” na Bíblia é ampla e genérica, abrangendo diversos povos distintos da região. Portanto, as cerâmicas em questão podem ter pertencido a grupos diversos que, embora habitassem o mesmo território, não possuíam necessariamente vínculos diretos com o povo de Israel. Considerando o uso do termo nos textos bíblicos, tais grupos acabam sendo enquadrados na categoria de “cananeus”. À luz dessa construção simbólica, e segundo a teoria proposta por Le Goff, percebe-se como escolhas museológicas específicas contribuem para transformar o documento (artefato) em monumento. Os vasos silenciosos tornam-se objetos carregados de sentido e memória, passíveis de evocação intencional de significados históricos e ideológicos pela instituição — nesse caso, representando um monumento da relação entre “o povo escolhido” e seus antagonistas.

Os próximos artefatos a serem analisados também se apresentam em conjunto e consistem em quatro cerâmicas identificadas como “lamparinas abertas”. Conforme a figura 3, os tombos correspondentes são: OAR 0184, OAR 0245, OAR 0457, OAR 0246. Todos os exemplares fazem parte da doação de 2012 e, após o processo de revisão e seriação, mantiveram a datação original.

Figura 3 – Lamparinas abertas



Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica

As lamparinas, objetos básicos do cotidiano das comunidades semitas desse período, apresentavam formato semelhante ao de uma tigela, diferenciando-se, entretanto, pelos seus aros comprimidos, que formam um bico para o pavio — normalmente de linho — e pela marca de queimado deixada pela chama (Haron e Clark, 2022). Outra característica, principalmente nas cerâmicas do Bronze Médio em diante, é que são produzidas manualmente, sendo perceptíveis as marcas da produção artesanal.

A legenda dos objetos, em vez de se aprofundar nas questões culturais primárias, opta por afirmar que são: “Lamparinas [...] do período contemporâneo ao de Abraão” (MAB-UNASP, 2025b). Dessa forma, as

lamparinas em exposição são simbolicamente associadas, por meio das escolhas museológicas, à figura do patriarca Abraão. Essa associação é reforçada pelo painel seguinte, que inicia com a frase: “Abraão [...] fundador e pai da fé de Israel” e desenvolve uma narrativa sobre a estrutura da sociedade patriarcal. Conseqüentemente, os artefatos são descontextualizados de sua origem imediata — como a região geográfica e a comunidade que os produziu — perdendo parte de sua singularidade histórica e material, passando a se vincular unicamente à personalidade de Abraão e à narrativa bíblica. Essa prática de associar artefatos da Idade do Bronze à vida dos patriarcas não é exclusiva do MAB, sendo observada também no Museu de Israel e no Museu da Bíblia em Washington; lojas de antiguidade igualmente associam esses objetos à vida dos patriarcas bíblicos. O título atualmente atribuído ao artefato, “Lamparina Aberta”, resulta de uma atualização baseada em critérios arqueológicos. Em catalogação anterior, contudo, a peça havia sido denominada “Lamparina Abraâmica” (Timm, 2010), evidenciando de forma mais explícita a tentativa de vinculação direta entre o objeto e a figura de Abraão. Essa mudança reflete não apenas um processo de revisão interpretativa, mas também revela como a nomenclatura atribuída aos artefatos pode influenciar diretamente sua leitura simbólica no espaço museológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acervo do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) oferece amplas possibilidades de investigação sobre o mundo antigo. Explorar essas fontes contribui de maneira relevante para o avanço da arqueologia, da museologia e da história antiga no Brasil. O trabalho desenvolvido pelo MAB, ao aprofundar-se em seu acervo e reconstruir as biografias de seus artefatos, constitui uma iniciativa que pode servir de referência para outras instituições em situação

semelhante, especialmente aquelas que enfrentam a falta de documentação consistente de seus objetos.

A análise da coleção cerâmica da Idade do Bronze Antigo do MAB-UNASP demonstra que o processo de musealização transcende a mera conservação dos artefatos: implica sua ressignificação em novas narrativas. Ao serem inseridos na expografia, esses objetos deixam de ser apenas testemunhos arqueológicos e passam a atuar como mediadores de memória e discurso. Na exposição, a história é apresentada de forma didática, aproximando conteúdos arqueológicos da narrativa bíblica e mobilizando sentidos que respondem a diferentes usos contemporâneos do passado.

Nesse movimento, confirma-se a perspectiva de Le Goff e Kopytoff: os objetos transformam-se em monumentos culturais, cujos significados atuais revelam tanto a intencionalidade institucional quanto os desafios de construir pontes entre passado e presente, além de comunicar o acervo à comunidade. O MAB, portanto, apesar das limitações primárias dos artefatos, busca superar a lacuna de informações de parte significativa de sua coleção por meio da condução de pesquisas científicas, da reinterpretação de seus objetos e da implementação de estratégias pedagógicas.

Essas ações, integradas à sua prática museológica, não apenas consolidam a musealização dos artefatos, mas também posicionam o MAB como um espaço de produção e difusão de conhecimento em arqueologia bíblica no cenário brasileiro. Assim, o museu afirma seu papel como instituição que preserva, interpreta e comunica a materialidade do passado, ao mesmo tempo em que abre caminhos para novas leituras e usos sociais de sua coleção no presente.

REFERÊNCIAS

- AMIRAN, R. *Ancient Pottery of the Holy Land: from its beginning in the neolithic period to the end of the iron age*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1970.
- APPADURAI, A. (org.). *The social life of things*. 11ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2013.
- AZEVEDO DE MORAES WICHES, Camila; LEMOS RIBEIRO, Diego; OLIVEIRA BRUNO, Maria Cristina. Musealização da Arqueologia: percursos trilhados, dilemas do presente e rotas para o futuro. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 15–31, 2023. DOI: 10.26512/museologia.v12i24.50673. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/50673>. Acesso em: 1 set. 2025.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BITTENCOURT, José. Cada coisa em seu lugar. Ensaio de interpretação do discurso de um museu de história. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v. 8/9, p. 151-174 (2000-2001). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/FGFWMDjjQhYM4M8LJkG8HtH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 ago. 2025.
- BONASSI, Aliene Tamires. *Documentação museológica: um estudo sobre a gestão da coleção de obras raras do Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BULBECK, David. Seriation Based on Agglomerative Clustering: An Example Using Ceramics Imported to Sulawesi, Indonesia. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 24 (2), p. 398–421, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/336989455>. Acesso em: 31 ago. 2025.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CÂNDIDO, Manuelina M. Duarte. Cultura material: interfaces disciplinares da Arqueologia e da Museologia. *Cadernos do CEOM*, Ano 18, n. 21. Chapecó, Unochapecó, 2005. Disponível em: https://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/candido_cultura_material.pdf. Acesso em: 31 ago. 2025.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DUTRAROMUALDO DA SILVA, Leticia; JUNIOR ALVES POLO, Mario. A Torre de Babel da documentação de acervos arqueológicos: uma proposta de gestão ampla em meio a inventários e catálogos diversos. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 72–89, 2023. DOI: 10.26512/museologia.v12i24.49751. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/49751>. Acesso em: 1 set. 2025.

HARON, J.; CLARK, D. R. (ed). *The Pottery of Jordan: a manual*. Jordan: The American Center of Research & Madaba Regional Archaeological Museum Project, 2022.

- HERR, L. G. Ceramic Typology and Dating. In: HARON, J.; CLARK, D. R. (ed.). *The Pottery of Jordan: a manual*. Jordan: American Center of Research & Madaba Regional Archaeological Museum Project, 2022, p. 15-18.
- INSTITUTE OF ARCHAEOLOGY & SIEGFRIED H. HORN MUSEUM. Ray in Brazil. *Newsletter*, v. 45 (3). Berrien Springs, MI: Andrew University, 2025. [Newsletter trimestral do Institute of Archaeology & Horn Archaeological Museum].
- KILLEBREW, Ann E.; STEINER, Margreet (orgs.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant: c. 8000-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxford-hb/9780199212972.001.0001>. Acesso em: 5 set. 2025.
- KOPYTOFF, I. The cultural biography of things: commoditization as process. In: APPADURAI, A. (org.). *The social life of things*. 11ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2013, p. 64-91.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LEVANT. In: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Levant>. Acesso em: 31 ago. 2025.
- LO MONACO, Viviana. Projeto de pesquisa: para um catálogo unificado das moedas gregas de coleções particulares e de museus do Brasil – Uma ferramenta de divulgação do patrimônio e de formação, 2024.
- MARANCA, Sílvia. Noções básicas para uma tipologia cerâmica. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, São Paulo, v. 22, p. 171-180, 1975.

- Marquardt, William H. Advances in Archaeological Seriation. *Advances in Archaeological Method and Theory*, v. 1, p. 257–314, 1978. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20170135>. Acesso em: 14 de ago. 2025.
- MELO, Nayara de Souza. *A formação do acervo do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP: um estudo de caso*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- MENDES, Jessica Silva. *A materialidade das reocupações de tumbas no Vale dos Nobres e na coleção egípcia do MAB-UNASP*. 2024. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), São Paulo, 2024.
- MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA (MAB-UNASP), 2025a. *Página Inicial*. Disponível em: <https://mab.unasp.edu.br/visiteexposicoes>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA (MAB-UNASP), 2025b. *Explore a coleção*. Disponível em: <https://mab.unasp.edu.br/acervodigital>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- NOLL, K.L. Canaanite Religion. *Religion Compass*, v. 1, p. 61-92, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1749-8171.2006.00010.x>. Acesso em: 15 de Nov. 2023.

- NOUWEN, Robert. The archaeological object in the museum: some reflections about meaning and significance. In: MERTENS, Jan; NOUWEN, Robert (Ed.). *Belgian archaeology in a European setting*. Acta Archaeologica Lovaniensia Monographiae, v. 12, 2001, p. 139–150. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337731866_The_Archaeological_Object_in_the_Museum_Some_Reflections_About_Meaning_and_Significance. Acesso em: 31 jul. 2025.
- O'BRIEN, M. J.; LYMAN, R. L. *Seriation, Stratigraphy, and Index Fossils: the backbone of Archaeological Dating*. New York: Kluwer Academic Publishers, 2002.
- ORTON, C.; TYER, P.; VINCE, A. *Pottery in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- RENFREW, C. BAHN, P. *Archaeology Essentials: theories, methods, practice*. London: Thames & Hudson, 2015.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- Silva Menezes, V. H.; Biazotto, T. A.; Morais, G. S.; Pompeu, P.; Monteiro, A. L. M.; Carvalho, A. V. Construções de diálogos e compartilhamento do conhecimento – algumas reflexões acerca da divulgação científica, educação patrimonial e arqueologia pública. *Cadernos Do Lepaarq* (Ufpel), v. 11, n. 21, p. 123-137, 14 Mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/lepaarq.v11i21.3139>. Acesso em: 17 ago. 2025.
- SYMANSKI, L. C. P. A louça na pesquisa arqueológica: análises e interpretações processuais e pós-processuais. *Rev. do CEPA: Santa Cruz do Sul*, v. 20, n. 23, p. 59-76, 1996.

- TAVARES, Valéria M. Santos; CARVALHO, Claudia R. Ferreira de. Arqueologia do antigo Oriente Próximo no Brasil: o Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo e sua coleção. *Revista Caminhando*, v. 22, n. 2, p. 31-46, jul./dez. 2017.
- TIMM, Alberto R. Museu de arqueologia bíblica Paulo Bork: Breve histórico. In: STENCEL, R.; TIMM, A. R. (org.). *Museu de Arqueologia Bíblica: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork*. Engenheiro Coelho, SP: UNAS-PRESS, 2010. p. 61-66.
- TOLEDO, Grasiela Tebaldi. Musealização da Arqueologia e Conservação arqueológica: experiências e perspectivas para a preservação patrimonial. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- XAVIER, Janaina S.; SILVA, Rodrigo P.; TAVARES, Valéria M. S. Vasos judaicos de pedra do período herodiano: uma biografia social dos artefatos arqueológicos. *Estudos Teológicos, [S. l.]*, v. 64, n. 3, 2025. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/2221>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- XAVIER, Janaina S. *Plano Museológico: uma discussão para o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork do Centro Universitário Adventista de São Paulo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.